

## MITOS E POESIA

Raquel Naveira

“Mito é um contexto explicativo, não lógico, muitas vezes fantástico, motivado pelo meio físico e humano em que está inserida a coletividade”.

Na definição acima, ressaltamos alguns pontos importantes para a compreensão do mito: explica um fenômeno, de maneira absurda, incoerente e, portanto, política, utilizando a força da imaginação.

O mito nasce de uma atitude primária diante das coisas, sem rigor racional, sem crítica.

Relato mitológico é a elaboração da natureza lírica, literária e moral que se faz sobre um mito.

Mitologia é o conjunto de relatos mitológicos.

Sou fascinada pela mitologia grega, religião dos gregos e romanos, histórias maravilhosas que o homem imaginou para chegar ao conhecimento dos mistérios existenciais. Escrevi inúmeros poemas a partir de estudos dessa matéria.

A professora Nelly Novaes Coelho, no excelente artigo “Os vetores da arte”, publicado no jornal OPÇÃO, de Goiânia, em dezembro de 95, afirma, analisando os poetas da geração de 60, que há três vetores a nortear a poesia a partir dessa década, um deles é justamente

*“a consciência de que o Poeta é um elo vital e insubstituível da quase infinita corrente (ou malha, trama?) da tradição por ele herdada e que lhe cabe transformar e*

*dar continuidade neste espaço que lhe cumpre viver. Daí o atual retorno às raízes, a o mito, às fontes primárias...”.*

Reconheço-me como poeta nessa coordenada detectada pela competente professora de Literatura. Resolvi ir mais fundo na pesquisa dos mitos, buscando inspiração na mitologia universal.

O mito começa com uma história simples, uma intriga, personagens bem caracterizados, lances surpreendentes e um final de impacto. Frequentemente não se conhece a origem do mito que está no âmago oral do povo e um dia entra para a literatura. Quanto mais um mito vai atraindo autores, poetas, artistas, mais ele é atual, “verdadeiro”.

No mito, o homem de todos os tempos se reflete. Religiosos e psicólogos utilizam a trama dos mitos para compreender o espírito humano.

Os heróis míticos existiram? São homens, têm qualidades e defeitos. Cito Max Müller: *“Um herói só pode ser um homem elevado acima do nível da humanidade ou um deus rebaixado a este nível, ou ainda a mistura de um e de outro. Não há escapatória”.*

Nessa linha, baseando-me em pesquisa no livro “Os heróis míticos e o homem de hoje”, de Fernand Comte, escrevi poemas como ÍSIS, deusa do Egito; KAMA, deus indiano do erotismo; e DON JUAN, personagem de Tirso de Molina, que ora transcrevo:

## ÍSIS

*Que tentação é essa que me faz aflito?*

*Veio do Egito,*

*É Ísis,*

*Deusa,  
Feiticeira,  
Maga  
De longos cabelos  
Com perfume de cevada;  
Vejo-a aproximar-se  
Ao som de flautas  
E sininhos,  
O rosto coberto por véus negros,  
Corro ao seu encaço,  
Ela foge entre torres e campanários  
Até o bosque de loureiros,  
Abraço-a,  
Sinto seu corpo,  
Que importa se ela me transformar numa rã,  
Num carneiro,  
Num asno pastando rosas?  
Vou desvendar seus mistérios,  
Seus crimes,  
Seu silêncio,  
Arrancar os véus,  
Um por um,  
O que se esconde sob eles?  
A Natureza?  
O Universo?  
A Verdade?  
Não, não posso chegar à verdade pelo caminho do  
pecado,  
Pelo erro sem salvação.*

*Que tentação é essa que veio do Egito?  
 Lá onde a idolatria se mancha  
 De sangue e mel nas catacumbas?  
 É Ísis!  
 Ísis!  
 Solto um grito.*

### **KAMA**

*Kama,  
 Nasceu do imenso Brahma,  
 Jovem deus,  
 Montado num papagaio,  
 Armado de um arco de cana  
 E flechas de lotus  
 Que incitam ao prazer.*

*Kama,  
 Suas ramas de fogo  
 Não me atingem,  
 Não agitam meu coração  
 De lagoa calma.*

*Cubro-me de cinza,  
 Visto-me de peles,  
 Ponho um colar de crânios humanos  
 e não me distraio.*

*Liberto-me do desejo  
Satisfazendo-o,  
Pois não busco gozo,  
Mas amor.*

DON JUAN

*O conde me persegue:  
Lobo cruel,  
Crápula nervoso,  
Romântico libertino.  
Saiu do túmulo  
De capa negra,  
Punhos de renda,  
Tocando bandolim  
Em meu castelo.*

*O que me fascinaria nesse sedutor?  
A beleza física,  
O olhar doloroso e corrosivo,  
O sorriso doce?*

*Sei que é frívolo,  
Sensual,  
Mas há algo de sublime  
Em seu impulso erótico,  
No estuário de seus rios  
Que correm por amor:*

*É a fome de absoluto,  
A ânsia de domínio,  
A alma de corça  
Suspirando pelo Outro;  
Seu instinto é religioso,  
Sua amoralidade, mística,  
Sua possessão, eterna.*

*Conde infeliz  
Que nunca se satisfaz,  
Que traz a morte em si,  
Latejando de vida,  
Escoando entre abraços,  
Corpos,  
Beijos fundos.*

*Conde orgulhoso  
Que nunca recua,  
Desafia mortos,  
Estátuas de pedra,  
A justiça divina.*

*Homem que conduz à tragédia, esse conde,  
Força a porta de minha alcova  
Como se eu fosse Caroline,  
Anabela,  
Tereza,  
A mulher do padeiro.*

*Vai, conde, na tua carruagem,  
Desce a estrada sinuosa,  
Exila-te na terra da melancolia,  
Não me fascinam Byron,  
Nem Castro Alves,  
Nem poetas devassos  
Metidos a Don Juan.*

Os mitos representam assim o nosso desejo de transformar e dar sentido ao mundo, desafiando com amor e paixão a certeza e a proximidade da morte.

## **BIBLIOGRAFIA**

COMTE, Fernand. *Os heróis míticos e o homem de hoje*. São Paulo : Ed. Loyola, 1994.